





# **CORPOS E CENÁRIOS URBANOS**

Territórios urbanos e  
políticas culturais



Henri Pierre Jeudy  
Paola Berenstein Jacques  
Organização



©2006 by by autores.

Direitos para esta edição cedidos à EDUFBA. Feito o depósito legal.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, sejam quais forem os meios empregados, a não ser com a permissão escrita do autor e das editoras, conforme a Lei nº 9610, de 19 de fevereiro de 1998.

**Capa**

Rosa Ribeiro  
Paola Berenstein Jacques

**Projeto Gráfico e Arte Final**

Gabriela Nascimento

**Tradução**

Rejane Janowitz

**Revisão Técnica**

Lilian Fessler Vaz

**Revisão**

Tânia de Aragão Bezerra  
Magel Castilho de Carvalho  
Vera Paiva

Biblioteca Central Reitor Macêdo Costa - UFBA

---

C822   Corpos e cenários urbanos : territórios urbanos e políticas culturais / [Organizadores]: Henri Pierre Jeudy e Paola Berenstein Jacques ; [textos : Henri Pierre Jeudy, Patrick Baudry ... [et al.]] ; tradução : Rejane Janowitz ; revisão técnica : Lílian Fessler Vaz. - Salvador : EDUFBA ; PPG-AU/FAUFBA, 2006.  
182 p.

Inclui índices.  
ISBN 85-232-0411-3

1. Cidades e vilas - Melhoramentos públicos. 2. Embelezamento urbano.  
3. Renovação urbana. 4. Administração cultural. 5. Arquitetura - Estética.  
I. Jeudy, Henri Pierre. II. Baudry, Patrick.

CDU - 711.4  
CDD - 712.2

---

Beneficiário de Auxílio Financeiro da CAPES







# Introdução

---

Henri-Pierre Jeudy  
Paola Berenstein Jacques

A cidade é um conjunto de cenários oferecidos aos corpos que nela se movem? Uma questão como esta supõe que a cidade continua a ser tomada por um cenário, ela não rompe com a tradição de pensamento que conduz à noção doravante bem estabelecida de uma “sociedade do espetáculo”, do qual o espaço urbano seria o receptáculo mais apropriado. Mas quem diz corpo, quem diz cenário, diz também desacordo. Corpo ou cenário confrontam-se com a incongruência que surge sobretudo no momento em que não é esperada. Não se trata do desmoronamento do cenário nem especificamente da queda dos corpos, mas, sim, da inadequação dos sentidos que nos agita nas ruas quando nosso olhar parece nos dizer que não espera mais nada. Trata-se do corpo que, ao entrar no cenário, perde a orientação possível de seu olhar. Sensação de resto bastante freqüente, à qual não prestamos senão uma atenção relativa, por temer tirar dela conclusões conflitantes.



Ouve-se falar de metamorfoses das cidades... É inegável que uma cidade está destinada a mudar, embora, de uma certa maneira, assim como um corpo, ela possa continuar ela mesma. Mas essas metamorfoses oferecer-se-iam ao olhar do cidadão como modificações de cenário? Não há certeza, algumas cidades que são objeto de uma conservação patrimonial mais ou menos sistemática, não sofrem alteração, seus cenários monumentais estão lá para durar. Então é preciso considerar que as transformações do espaço urbano não se oferecem sempre ao olhar, elas se revelam através de relações sociais, políticas, econômicas. E as próprias megalópoles parecem ter – embora suas mutações dependam de decisões, de estratégias – uma finalidade que lhes é própria, uma finalidade intangível, que apareceria de algum modo em suas *autometamorfoses*.

Nossa sociedade tem dificuldade em aceitar o envelhecimento de nosso corpo físico, cada dia surge uma nova técnica anti-envelhecimento, creme, *lifting* ou cirurgia plástica... Também a restauração patrimonial das cidades se parece com um *lifting*. Esse envelhecimento, tanto para os corpos humanos quanto para o corpo urbano, é uma transformação que acompanha a gênese dos movimentos corporais e da cidade como metáfora de vida urbana. Os cenários reconstituídos que formam o enquadramento do espaço urbano terminam abolindo essa dinâmica do tempo, fixando a memória e a percepção dos cidadãos, e dando aos turistas a impressão de que se encontram na eternidade de um cartão postal. A arte e a arquitetura, da mesma forma que o urbanismo e o paisagismo, são requisitadas para operar as alterações de cenário, as modificações da imagem de uma cidade, respondendo a estratégias políticas e culturais que se tornam cada vez mais *marketing*, com logotipos e marcas.

A cultura é para as cidades um meio de promover suas imagens de marca. As arquiteturas monumentais, as obras de arte nas ruas, os festivais, as festas esporádicas, os próprios equipamentos culturais, tudo concorre para colocar a cidade numa perspectiva de animação cultural que parece lhe conceder o certificado de garantia de ser uma “verdadeira” cidade. Essa animação permanente, das mais variadas modalidades possíveis, dá a todos os habitantes a impressão de serem capazes de se apropriarem de sua cidade, e o elo social assim promovido permite reencontrar um sentimento

compartilhado de comunidade. A idealização da cidade como território de exibição cultural pretenderia ultrapassar os limites da “sociedade do espetáculo” criando a ficção simulada de uma utopia.

Porém, a utopia dos arquitetos modernos era inspirada na idéia de que a arquitetura poderia modificar a sociedade. Le Corbusier dizia: *Arquitetura ou revolução, nós podemos evitar a revolução!* Os críticos mais radicais, como os situacionistas, pensavam o contrário: a arquitetura e sobretudo o urbanismo devem servir de suporte à revolução da sociedade... Hoje, a arquitetura não tenta nem evitar nem provocar a revolução, esse tipo de objetivo não está mais na ordem do dia, a arquitetura e o urbanismo devem de agora em diante criar imagens, estar a serviço do *marketing* político. As cidades, no contexto de um mercado globalizado, assim transformadas sobretudo devido ao turismo, tornaram-se imagens espetaculares, *outdoors*, imagens sem corpos, espaços desencarnados, simples cenários. Resta saber se os passantes, os turistas, os habitantes ou os errantes ao sabor das maneiras diferentes de perceber e apreender as cidades, descobrirão outras sensações corporais e intelectuais neste excesso de reprodução cenográfica do espaço urbano.

As intervenções contemporâneas sobre os territórios culturais, as que são planejadas (ao contrário das *ruses*\* e apropriações inesperadas do espaço urbano) parecem cada vez mais desprovidas de corporalidade ou sem consistência. Obedecem a um ritmo de produção de exibicionismo cultural promovido pelas cidades. Como se transformam então as relações entre urbanismo e corpo, entre imagem e corpo, e entre o corpo urbano e o corpo do cidadão? A experiência corporal da cidade é o exato oposto da imagem urbana fixada por um logotipo publicitário. Pois uma experiência corporal singular não se deixaria reduzir a uma simples imagem de marca. Essa experiência da cidade feita pelo cidadão lhe dá um corpo, às vezes imaginário, um outro corpo “urbano” que se move de maneira enigmática conforme a superabundância dos cenários.

### Notas

\*Ruse urbana: uma forma peculiar de se apropriar, conhecer e circular por determinados espaços urbanos, mistura de astúcia e experiência. (N. T.)

